

ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

ORGANIZADORA

Giovanna Ofretorio de
Oliveira Martin Franchi

ISBN 978-85-7221-576-3

2026

Deyse Cristina Barbosa

ENTRE NÓS: UM OLHAR PARA O PROFESSOR

ANÁLISE DE PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS
DEBATIDAS ENTRE PROFESSORES

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-576-3.4

RESUMO:

O projeto-piloto "Entre Nós: um olhar para o professor", realizado na Escola Básica Municipal Professora Nair Rebelo dos Santos, teve como foco central criar um espaço de acolhimento e escuta ativa voltado a professores da rede pública, com ênfase nos desafios enfrentados no processo de inclusão escolar, fortalecendo a cultura inclusiva. A partir de duas vivências presenciais, promoveram-se reflexões significativas sobre o papel docente diante da diversidade, suas dificuldades e estratégias. A metodologia envolveu dinâmicas sensoriais e rodas de conversa guiadas, permitindo a expressão de perspectivas em um ambiente seguro. Destaca-se a dinâmica *Nutrindo a Colaboração*, que simulou barreiras de acessibilidade, e o *Espelho Afetivo*, no qual os participantes assistiram a depoimentos gravados de estudantes, colegas e familiares reconhecendo sua importância. Como produto final, a construção de uma nuvem de palavras revelou um retrato afetivo e crítico das percepções docentes sobre a inclusão. O projeto evidenciou que cuidar de quem educa é essencial para consolidar práticas escolares mais humanas e inclusivas, sendo apresentado no III Seminário de Educação do município, com a presença de autoridades e representantes da comunidade escolar.

Palavras-chave: docência; acolhimento; inclusão.

INTRODUÇÃO

A ampliação das políticas públicas voltadas à inclusão escolar, nas últimas décadas, provocou transformações significativas nas práticas pedagógicas e nas dinâmicas das salas de aula brasileiras. A consolidação do Sistema Educacional Inclusivo, sustentado por marcos legais como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) e a Lei Brasileira de Inclusão (2015), reforça o direito de todos os estudantes à escolarização. Esse movimento é evidenciado pelo aumento do número de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação matriculados em classes regulares, revelando a necessidade de repensar estratégias pedagógicas que considerem a diversidade e as singularidades presentes na Educação Básica.

Apesar da existência de diversas legislações voltadas à Educação Especial e Inclusiva, Magalhães (2013) destaca que a efetividade do processo educativo depende da articulação entre teoria e prática, com a criação de espaços de debate e reflexão sobre a temática. Essa articulação é fundamental para que os professores estejam preparados para atender a diferentes perfis de estudantes, favorecendo a construção de práticas pedagógicas mais adaptadas, sensíveis e inclusivas, que considerem tanto os aspectos cognitivos quanto os afetivos do processo de aprendizagem.

Dados recentes apontam que, em 2022, aproximadamente 89,9% dos estudantes da Educação Especial estavam matriculados em classes comuns, totalizando mais de 1,5 milhão de alunos com deficiência ou altas habilidades/superdotação (Nova Escola, 2023). Esse cenário evidencia que os docentes enfrentam o desafio de adaptar suas estratégias pedagógicas às múltiplas demandas dos estudantes, o que envolve muito mais do que o planejamento ou domínio do conteúdo curricular. A prática inclusiva exige sensibilidade, criatividade e capacidade de construir soluções colaborativas,

que atendam às diferentes necessidades de aprendizagem, garantindo, ao mesmo tempo, a efetividade do processo educativo.

A construção de uma escola inclusiva exige não apenas formação continuada, mas também condições subjetivas e institucionais que garantam ao professor suporte emocional, valorização profissional e espaços de escuta. A forma como os docentes vivenciam o processo de inclusão impacta diretamente a qualidade das práticas pedagógicas e a atmosfera escolar. Rodrigues e Cunha (2020) apontam que os professores frequentemente enfrentam dificuldades para atender à diversidade em sala de aula, sobretudo quando não dispõem de suporte institucional ou de formação adequada para lidar com as especificidades dos estudantes da Educação Especial. Esse quadro evidencia a importância de iniciativas que promovam cuidado e reconhecimento do professor como sujeito ativo do processo educativo.

Diante desse cenário, torna-se fundamental investigar estratégias que fortaleçam o bem-estar docente e favoreçam tanto a permanência quanto a qualidade da prática pedagógica. Matias (2014) ressalta a necessidade de pensar a educação inclusiva de forma abrangente, considerando não apenas o aluno, mas também o contexto escolar como um todo:

É necessário pensar na educação inclusiva de forma mais abrangente. [...] é necessário pensar em como o alunado será recebido, como terá suas potencialidades desenvolvidas, quais serão os critérios para avaliá-lo. Para isso, o ambiente escolar tem de estar devidamente preparado e equipado, os professores serem capacitados e mais bem valorizados e toda a comunidade escolar e a sociedade devem estar envolvidas nesse processo [...] (Matias; Freitas, 2014, p. 103).

Esse posicionamento evidencia que o acolhimento e a valorização do professor são essenciais para que se reflitam em práticas pedagógicas mais sensíveis e eficazes. A sobrecarga de trabalho, o

sentimento de despreparo e a sensação de isolamento diante das demandas da inclusão impactam diretamente o bem-estar docente, interferindo na qualidade das interações em sala de aula e no desenvolvimento de estratégias inclusivas consistentes.

Nesse contexto, projetos que promovem cuidado e escuta ativa do professor, como o *Entre Nós: um olhar para o professor*, surgem como estratégias importantes para repensar a formação docente e fortalecer o suporte oferecido aos profissionais da educação. A experiência demonstra que a criação de espaços de diálogo, de compartilhamento de experiências e de construção coletiva de soluções fortalece redes colaborativas e promove práticas pedagógicas mais reflexivas, empáticas e adaptadas à diversidade presente nas turmas.

Portanto, o presente trabalho parte dessa experiência para refletir sobre o valor da escuta entre pares, destacando que o cuidado com quem educa é condição indispensável para a promoção de uma escola inclusiva, acolhedora e comprometida com todos os sujeitos do processo educativo. Ao investir no bem-estar docente, cria-se um ciclo virtuoso no qual professores valorizados e apoiados desenvolvem práticas pedagógicas mais eficazes, inclusivas e humanizadas. Dessa forma, contribuem para uma educação que respeita as singularidades e potencialidades de cada estudante, fortalecendo de maneira integral a qualidade da inclusão escolar.

MÉTODO

O projeto-piloto “Entre Nós: um olhar para o professor” foi concebido como uma experiência qualitativa, exploratória e participativa, voltada para a criação de um espaço de acolhimento e de escuta ativa para professores da rede pública municipal. A iniciativa surgiu da necessidade de oferecer suporte aos docentes diante do

crescente número de estudantes com deficiência em classes regulares, realidade que intensifica os desafios pedagógicos e exige novas formas de pensar e agir em sala de aula. Mais do que um espaço de formação, o projeto buscou constituir-se como um ambiente de partilha de experiências, reconhecimento profissional e fortalecimento emocional, compreendendo que o bem-estar do professor constitui elemento central para o desenvolvimento de práticas inclusivas consistentes.

A ação ocorreu na Escola Básica Municipal Professora Nair Rebelo dos Santos, em Porto Belo (SC), com a participação voluntária de professores da instituição. A adesão foi espontânea, mediante convite veiculado pelo grupo de mensagens da supervisão escolar, respeitando integralmente os princípios éticos de consentimento informado, confidencialidade das falas e liberdade de participação. Esse cuidado metodológico garantiu que os docentes se sentissem confortáveis para expor sentimentos, fragilidades e percepções sobre seu cotidiano profissional.

As atividades foram realizadas em dois encontros presenciais, totalizando duas horas, planejados e conduzidos por uma equipe de educadores com experiência em inclusão escolar e no Atendimento Educacional Especializado (AEE). O desenho metodológico priorizou dinâmicas sensoriais, rodas de conversa e estratégias de mediação afetiva, concebidas para estimular a empatia, a escuta mútua e o compartilhamento de vivências. A intencionalidade foi criar um espaço em que o professor pudesse ser ouvido, reconhecido e apoiado em sua complexa função social.

Duas dinâmicas merecem destaque pelo impacto simbólico e formativo junto ao grupo. A primeira, “Nutrindo a Colaboração”, consistiu em uma simulação de barreiras físicas e comunicacionais semelhantes às enfrentadas cotidianamente por estudantes com deficiência. A atividade sensibilizou os participantes para a importância do trabalho colaborativo, demonstrando, na prática, que a

superação de obstáculos escolares exige a cooperação entre docentes, equipe de apoio, famílias e comunidade. A segunda, denominada “Espelho Afetivo”, teve como eixo central a valorização da identidade profissional docente. Nesse momento, os professores assistiram a vídeos curtos com mensagens de reconhecimento gravadas por alunos, colegas de trabalho e familiares, provocando reflexões sobre o impacto de sua atuação e sobre o valor social da docência.

As rodas de conversa que integraram a programação configuraram-se como espaços de expressão livre, nos quais os professores puderam relatar experiências, ansiedades, expectativas e conquistas relacionadas ao trabalho em contextos inclusivos. As mediadoras registraram as falas com autorização prévia dos participantes, assegurando a fidelidade dos relatos e a integridade das informações produzidas.

Como fechamento do segundo encontro, foi proposta a construção coletiva de uma nuvem de palavras, elaborada a partir das expressões, sentimentos e reflexões mais recorrentes nas falas. Esse recurso gráfico buscou sintetizar visualmente a riqueza da experiência, oferecendo uma representação simbólica e compartilhada do vivido.

A análise dos dados concentrou-se na identificação de eixos temáticos emergentes nas narrativas docentes e na construção da nuvem de palavras. Entre os aspectos evidenciados, destacaram-se: a necessidade de acolhimento e apoio emocional no exercício profissional; os desafios cotidianos relacionados à heterogeneidade das turmas e à inclusão de estudantes com deficiência; e o reconhecimento da importância de iniciativas que valorizam e legitimam a escuta docente.

Os achados evidenciam que, ao terem oportunidade de compartilhar suas vivências em um espaço seguro e estruturado, os professores ressignificam suas práticas e fortalecem sua identidade

profissional. Dessa forma, o projeto demonstrou que ações voltadas ao cuidado com quem educa têm potencial para impactar diretamente a qualidade da inclusão escolar. Ao propiciar a escuta empática, a valorização da trajetória docente e a experimentação de práticas colaborativas, a iniciativa mostrou-se capaz de promover reflexões profundas sobre o papel do professor e sobre a urgência de instituir espaços institucionais que assegurem apoio, reconhecimento e diálogo contínuo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades desenvolvidas no projeto *Entre Nós: um olhar para o professor* promoveram um espaço seguro de partilha e escuta ativa, no qual os docentes puderam refletir sobre seus desafios, sentimentos e necessidades diante do processo de inclusão escolar. A escuta dos participantes revelou não apenas dificuldades recorrentes, mas também propostas relevantes para o fortalecimento de práticas inclusivas mais sensíveis no cotidiano da escola.

Um dos principais apontamentos foi a compreensão de que o processo de conhecer e elaborar estratégias para os estudantes com deficiência, transtornos do desenvolvimento ou altas habilidades demanda tempo, empatia e disponibilidade docente. Como afirmou uma professora, “compreender as habilidades da criança leva tempo”. Essa percepção reforça a necessidade de práticas pedagógicas que respeitem os ritmos individuais de aprendizagem, assim como de tempo institucional adequado para planejamento, escuta e adaptação.

Outro aspecto frequentemente mencionado foi a importância da participação das famílias no processo educativo. Para os participantes, “a família faz parte desse processo inclusivo”, sendo indispensável à construção de estratégias eficazes e à continuidade

das ações educativas. Essa colaboração escola-família precisa ser intencionalmente promovida, por meio de momentos formativos periódicos que envolvam não apenas os responsáveis, mas também os próprios estudantes.

Houve também um forte apelo pela personalização do atendimento aos estudantes da Educação Especial, traduzido na fala "cada caso deveria ser avaliado para criação de estratégias eficazes". Essa reivindicação evidencia a limitação de soluções padronizadas e a necessidade de escuta qualificada, tanto dos estudantes quanto dos professores que os acompanham. Nessa perspectiva, Mittler (2003 p. 16) afirma que

a inclusão não diz respeito a colocar as crianças nas escolas regulares, mas a mudar as escolas para torná-las mais responsivas às necessidades de todas as crianças; diz respeito a ajudar todos os professores a aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem de todas as crianças nas suas escolas e prepará-los para ensinar aquelas que estão atualmente excluídas por qualquer razão.

As discussões também apontaram propostas concretas de fortalecimento institucional, como a valorização da troca entre pares e da escola como espaço de construção coletiva. A escuta revelou o desejo por uma formação mais democrática, realizada em grupos menores, que envolva todos os professores da escola – e não apenas aqueles diretamente à Educação Especial. Defendeu-se, ainda, que essas formações sejam continuadas e conectadas às demandas reais da prática.

Essa perspectiva dialoga com Batista, Ropoli, Mantoan e Figueiredo (2007, p. 15), ao afirmarem: "A situação aponta para a necessidade de oferecer aos professores-alunos em serviço uma experiência de formação que venha ao encontro de suas reais necessidades quando se depararem com os desafios do ensino regular e especial."

Ficou evidente, no entanto, que a sobrecarga, a solidão e o sentimento de despreparo ainda constituem marcas presentes na vivência docente. Nesse cenário, o cuidado com o professor mostra-se urgente e indispensável. Como enfatiza Noddings (2003, p. 45), “o verdadeiro cuidado na educação exige que o professor seja visto e tratado como um ser humano inteiro, com suas necessidades, emoções e contextos”.

Os resultados evidenciam que escutar quem educa, reconhecer suas vivências e investir em formações significativas são ações fundamentais para consolidar uma inclusão que vá além do discurso e se materialize na prática cotidiana das escolas. A criação de redes de apoio e a valorização da experiência do docente surgem, assim, como estratégias potentes para transformar as escolas em espaços mais acolhedores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível afirmar que a promoção de uma educação inclusiva efetiva depende, de forma intrínseca, da valorização e do cuidado com o professor, enquanto sujeito central do processo educativo. O docente não atua de maneira isolada; está inserido em um contexto complexo, atravessado pela diversidade de estudantes, pelas demandas institucionais e pelas múltiplas pressões sociais e pedagógicas que permeiam o cotidiano escolar. Nesse cenário, iniciativas como o projeto *Entre Nós: um olhar para o professor* evidenciam a relevância de criar espaços de escuta ativa, diálogo reflexivo e partilha de experiências entre pares, estratégias que favorecem a construção de redes colaborativas capazes de fortalecer tanto o bem-estar quanto a prática docente.

O fortalecimento do professor como sujeito protagonista da inclusão escolar implica reconhecer suas necessidades emocionais,

intelectuais e sociais. A sobrecarga de trabalho, o sentimento de despreparo diante das especificidades dos estudantes e a sensação de isolamento impactam diretamente a qualidade das interações em sala de aula e, consequentemente, a efetividade das práticas inclusivas. Ao investir em ações que promovam cuidado, valorização e escuta, é possível reduzir esses fatores e ampliar a capacidade do professor de desenvolver metodologias pedagógicas adaptadas, inovadoras e sensíveis à diversidade. Nesse sentido, a prática reflexiva, quando estimulada em ambientes seguros e colaborativos, possibilita que o professor reconstrua continuamente sua identidade profissional, integrando experiências teóricas e práticas de maneira consistente.

Ademais, a criação de espaços de diálogo entre pares possibilita a troca de saberes, a construção coletiva de estratégias pedagógicas e a reflexão crítica sobre situações cotidianas da sala de aula. Tais espaços funcionam como mediadores do conhecimento, permitindo que os professores compartilhem soluções, aprendam com os erros, consolidem acertos e fortaleçam uma cultura de cooperação e apoio mútuo. Essas práticas não apenas impactam diretamente a formação continuada, mas também promovem a ressignificação do papel do professor, que deixa de ser visto apenas como executor de conteúdos curriculares para ser reconhecido como agente transformador do processo educativo e da inclusão social.

Outro ponto relevante refere-se à relação entre cuidado docente e qualidade da inclusão escolar. A escuta ativa e a valorização do professor criam condições para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais humanas, sensíveis e adaptadas às necessidades de cada estudante. A educação inclusiva, nesse sentido, transcende a simples presença física de alunos com deficiência em salas regulares; ela envolve a capacidade de transformar a sala de aula em um espaço acolhedor, desafiador e estimulante, no qual cada estudante é reconhecido em sua singularidade e potencialidades. O bem-estar docente, portanto, reflete-se diretamente na eficácia das estratégias

pedagógicas, na qualidade das interações e na criação de ambientes de aprendizagem mais equitativos.

O investimento em projetos e políticas voltados ao cuidado com quem educa deve ser compreendido como ação estratégica de educação inclusiva. Não se trata apenas de oferecer formação técnica ou capacitação pontual, mas de construir ambientes institucionais e relacionais que valorizem o professor, promovam seu reconhecimento social e favoreçam o desenvolvimento de competências socioemocionais. Nesse processo, a escuta entre pares, o diálogo reflexivo e o apoio institucional tornam-se ferramentas fundamentais para fortalecer o protagonismo docente, consolidar práticas pedagógicas mais inclusivas e contribuir para a efetivação do direito à educação de qualidade para todos os estudantes.

Por fim, a análise das experiências relatadas evidencia que a promoção de uma cultura de cuidado, colaboração e reconhecimento profissional possui impacto direto na construção de uma escola inclusiva de qualidade. Ao colocar o docente no centro das estratégias de formação e valorização, cria-se uma dinâmica virtuosa em que o bem-estar do professor fortalece as práticas pedagógicas e estas, por sua vez, ampliam a capacidade de atender às necessidades e potencialidades de todos os alunos. A reflexão sobre essa relação evidencia que a educação inclusiva não pode ser concebida apenas como questão normativa ou técnica: ela deve considerar a dimensão humana, emocional e profissional do professor, reconhecendo que o sucesso da inclusão depende, em grande medida, do apoio, do reconhecimento e do fortalecimento daqueles que estão à frente do processo educativo.

Em síntese, este estudo reforça a necessidade de repensar políticas, práticas formativas e estratégias institucionais de maneira integrada, considerando o professor como sujeito central na promoção da inclusão escolar. A escuta ativa, a construção de redes colaborativas, o cuidado emocional e o reconhecimento profissional

emergem como pilares fundamentais para transformar a escola em um espaço verdadeiramente inclusivo, onde cada estudante, independentemente de suas características, possa ser acolhido, desafiado e reconhecido em suas singularidades. Ao consolidar práticas pedagógicas que valorizam o professor, fortalece-se simultaneamente a educação inclusiva, criando uma escola mais equitativa, humanizada e comprometida com o desenvolvimento integral de todos os envolvidos no processo educativo.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, C. R.; ROPOLI, E. A.; MANTOAN, M. T. E.; FIGUEIREDO, R. V. **Atendimento educacional especializado**: formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado. Curitiba: Cromos, 2007.
- MAGALHÃES, R. de C. **Educação inclusiva**: desafios e perspectivas para a formação docente. São Paulo: Cortez, 2013.
- MATIAS, F. S.; FREITAS, S. S. de. A formação do docente e o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. **Paidéia: Revista do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 85-107, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/3931/1951>. Acesso em: 15 jan. 2026.
- MITTLER, Peter. **Working towards inclusive education**: social contexts. London: David Fulton Publishers, 2003.
- NODDINGS, N. **Caring**: a feminine approach to ethics and moral education. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2003.
- NOVA ESCOLA. Educação inclusiva nos anos finais. **Nova Escola**, 2023. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21757/educacao-inclusiva-nos-anos-finais>. Acesso em: 1 fev. 2026.
- RODRIGUES, J. F.; CUNHA, M. I. P. Desafios da formação docente frente à inclusão escolar. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 33, e23, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/69480>. Acesso em: 1 fev. 2026.

Deyse Cristina Barbosa

Mestre em Educação Inclusiva, Universidade do Estado de Santa
Catarina – UDESC.

E-mail: dey_se@hotmail.com